

A black and white portrait of an older man with glasses, wearing a suit and tie, looking directly at the camera. The number '1' is written in a large, stylized font to the left of his head.

1

A sementinha de Cecília

*“O coração da criança é o solo a cultivar,
eivado de dificuldades. Arroteemos o ter-
reno à nossa disposição, adubemo-lo e
atiremos nele as sementes do Evangelho.
Jesus fará o resto. Brilhará, um dia, a flor
de luz da verdade, no jardim por onde
hoje caminham os nossos pés a serviço do
Mestre Infatigável”.²*

Era uma tarde úmida e fria no Sul da Itália, no início do século XIV, e o menino João Alessandro brincava com seu rústico potinho da refeição recebida naquele dia. A fome naquela época era grande, e as crianças geralmente comiam e permaneciam esfregando os dedos nos recipientes, na esperança de degustarem algum último vestígio de sabor. Nesse dia, em especial, receberam uma porção de carne, o que era raro. A alimentação dependia das doações do potentado.

² SPINELLI, Francisco (Espírito). Evangelização espírita. In: ESPÍRITOS DIVERSOS. **Crestomatia da imortalidade**. Psicografado por Divaldo Franco. 5. ed. Salvador: Leal, 2002. p. 121.

O orfanato ostentava uma placa desgastada, onde estava escrito “Casa do Menino Jesus de Praga”. Nele residiam mais de uma centena de crianças órfãs e abandonadas. João Alessandro era uma delas. Seu pai havia morrido na guerra, e a mãe tivera igual fim, algum tempo depois, mas em decorrência de um estupro, tragédia comum à época entre mulheres viúvas. O menino contava agora com 4 anos de idade e pouco compreendia o que se passava ao seu redor, mas dentro dele pulsava a força de um Espírito que há séculos buscava a evolução pessoal e comunitária por onde passava.

Quando dormia, João Alessandro sonhava com uma senhora de semblante muito calmo, que o acariciava e lhe dizia para nunca desistir dos seus propósitos, alertando que as lutas seriam árduas, mas que ele venceria. Nesses sonhos, se via sempre como um adulto reunido a outros em salas claras e harmonicamente decoradas, com simplicidade, repletas de objetos que, mais tarde, entenderia serem livros e equipamentos desconhecidos à sua época. Quanto aos livros, eram belos, com capas ilustradas por paisagens ou expressões abstratas que não compreendia, muitos deles ostentando a imagem de Jesus. Aquilo era impossível em sua realidade, visto que os raros escritos do orfanato – inacessíveis às crianças – tinham o aspecto de rústicos manuscritos.

Naquele dia, ao entardecer, quando já sentia fome novamente, algo mudaria na rotina do pequeno menino. A governanta responsável pela sua ala do orfanato juntou suas duas mudas de roupa e ordenou que ele a acompanhasse até o salão de entrada. Lá chegando, o entregou a um casal, sem qualquer explicação, como se despachasse um grande fardo, e deu as costas.

Aproximou-se do menino uma senhora de aspecto sereno e rosto muito bonito, fitando-o com seus grandes olhos verdes. Era Marília, que agora seria sua mãe. Ela e o marido, Josulé, eram fidalgos da cidade de Milão e vieram adotá-lo. O olhar de Marília transmitiu imensa paz; em seguida, ela afagou seus cabelos e lhe deu um caloroso abraço. Foi quando o menino ouviu a voz do marido, homem corpulento e de voz rude, dizer apenas: “Vamos, mulher!”

A viagem foi longa. Josulé não a teria feito somente para a adoção do menino, uma vez que se encontrava na região para resolver negócios que requeriam sua presença e aproveitou a situação para satisfazer o anseio da esposa em ser mãe. Escolheu uma criança de região mais distante por acreditar que, assim, evitaria vínculos parentais futuros, o que lhe seria conveniente, para evitar contratempos futuros.

Chegando em Milão, o pequeno João Alessandro foi apresentado como filho legítimo do casal, sem resistência, pois Josulé gozava de grande autoridade local. Passaram a chamá-lo de Francesco a partir de então. A residência de Josulé e Marília era uma casa imensa, repleta de serviçais para atendê-los. Francesco foi instalado num grande quarto ao lado dos aposentos do casal. Desde a primeira noite, recebeu a visita da mãezinha antes de dormir. Ela lhe contava histórias, transmitindo a ele, paulatinamente, um pouco do conhecimento que possuía.

Marília era mulher muito sábia, apesar de ter apenas 24 anos de idade. Fora educada para se tornar uma esposa ideal, conforme os costumes da época: culta, prezada e submissa ao esposo. Embora estivesse casada há oito

anos, nunca conseguira conceber um filho, o que a levou a optar pela adoção. No início, o esposo insistira para que buscassem um recém-nascido, mas a esposa dizia sonhar sempre com um menino maiorzinho, apresentado em sonhos como alguém que se destacaria entre todos. Ambicioso, Josulé viu nisso uma premonição: o filho ideal que manteria e aumentaria sua fortuna.

Francesco cresceu feliz, recebendo os carinhos da mãe, apesar da distância e frieza do pai, que valorizava acima de tudo os negócios. De qualquer forma, nada faltava àquela família, mas não por amor de Josulé, e sim por ostentação do seu poder e orgulho da sua posição. Marília recebia os maiores luxos, como joias valiosas e raras que ela somente utilizava em eventos sociais para satisfazer ao marido e evitar discussões, visto que não se sentia bem ostentando a riqueza.

Francesco tinha ao seu lado os melhores tutores, estudando desde cedo latim, francês, belas-artes e as vastas culturas romanas e grega. Era obediente ao pai e se amparava no imenso amor da sua mãe. Jamais o menino causou qualquer dissabor à família. Era inteligente, educado, solícito e discreto, com maneiras elegantes e conversa agradável. Marília costumava dizer que ele era um anjo educado por Jesus, escolhido minuciosamente para aquele lar.

Aos 17 anos, Francesco dominava o clavicórdio – um instrumento similar ao piano – com maestria, dedilhando as mais belas músicas sacras da Itália, fazendo o pai estufar o peito de orgulho e tocando as fibras do coração bondoso de sua mãe. Nessa época, se interessava pelos negócios do pai, que administrava fazendas em toda a

Itália e tinha lidas de exportação. Não tinham afinidade, mas o respeito de Francesco o mantinha sereno diante dos arroubos e das ordens do pai, conquistando assim sua admiração, visto que a obediência e o respeito eram constantes por parte daquele filho.

Nessa época, Josulé, por vezes, se permitia abraçar o filho e elogiá-lo na intimidade, demonstrando o quanto o amava. Esses momentos eram raros, mas enchiam o coração do rapazote de alegria. Alma boa e elevada, se preocupava com o bem-estar da família e o equilíbrio dos negócios que representavam seu sustento, mas jamais esquecendo a humanidade que lhe era peculiar. Josulé era ríspido com os empregados, mas Francesco tratava a todos com brandura e consideração, jamais deixando de dedicar sua atenção a cada um que encontrava no dia a dia no cumprimento das tarefas nas propriedades do pai.

Diversas vezes, Francesco sonhava com sua mãezinha biológica. Ela lhe aparecia em sonho na companhia daquela senhora bondosa com a qual sonhava desde criança e que agora se apresentava como sua avó Dinorah. Sua mãe era Cecília, uma mulher modesta, que tentou de todas as formas criar os filhos após a morte do marido, mas morreu estuprada por uma tropa de guerrilheiros, deixando cinco filhos. Estes foram distribuídos entre três orfanatos, sendo que o pequeno João Alessandro foi desacompanhado dos irmãos para um deles.

Cecília vinha agora em sonhos confortar o jovem Francesco, seu caçulinha de outrora. Nesses encontros oníricos, ela pedia que ele suportasse tudo e fosse bom:

– Prepara-te, que um dia, daqui a muito tempo, em terras bem distantes, nos reencontraremos para edifican-

te missão. Lembra-te sempre do que te digo, para nunca nos esquecermos do que prometemos a Jesus.

Dava-lhe um beijo na fronte e fitava-o com seus olhos amendoados. Ele despertava perplexo com o recado, que várias vezes se repetia e que fazia eco em seu coração, embora não pudesse compor em sua mente a que situação a mãe se referia. Em uma oportunidade, o jovem contou seus sonhos à sua mãe Marília e lhe perguntou o que significava. Ela meditou por longo tempo, perdendo seu olhar no horizonte, além dos parreirais ao fundo do pomar, e exclamou:

– Filho querido, não sei do que se trata, mas, ao mesmo tempo, sei. É como se todas as imagens do teu destino se formassem dentro de mim e eu não conseguisse materializar. Sinto a tua força, a tua bondade e os teus compromissos com Jesus. A única coisa que consigo definir é que estás intimamente ligado a Ele em propósitos que ainda desconheço, embora sinta. Não consigo descrever em palavras, mas vejo a luz que te envolve e a grandeza da tua jornada. Acredita, mantém-te firme na caminhada, observa para não magoares teu pai. Ele nem precisa saber dessas percepções, pois não compreenderá. Quanto à tua mãezinha do passado, diversas vezes tenho a impressão de tê-la comigo, soprando ao meu ouvido o quanto devo te educar, amar e preparar para o amanhã. Se Cecília é o nome dela, não sei, mas sinto a sua voz como um cantar doce na madrugada da vida, trazendo para ti as mais belas letras a serem traduzidas, cantadas e vivenciadas na Seara do Senhor. Amo-te mais do que tudo, meu filho, e respeitarei os desígnios Dele para ti.

– Ah, minha mãe. A senhora tem sido para mim a estrela que ilumina as noites de uma alma que pouco ofere-

ce diante da grandeza de Deus e de Jesus. Teus carinhos, tua dedicação e confiança estão me transformando num homem feliz. Quero retribuir sempre esse imenso amor e tornar-me o mais correto dos filhos. Quanto ao senhor meu pai, estimo-o muito e desejo aprender sempre com ele a correção do caráter, sua característica mais marcante, zelando pela família e pelos recursos que alimentam a tantos. Conheço o quanto é ambicioso e orgulhoso, mas não posso deixar de observar o quanto a força, a organização e a nobreza de caráter desse homem favorecem e fomentam a manutenção de tantas famílias. Meu pai raramente expressa seus sentimentos, mas eu percebo o quanto são bons e incorruptíveis.

Abraçaram-se os dois e ali permaneceram por mais alguns minutos olhando a linha do horizonte, ouvindo os pássaros cantarem, sentindo o cheiro das uvas e das outras frutas do pomar às suas costas. Parecia que a natureza trazia prenúncios de amor e tempos de renovação.

Aquele momento, as lembranças oníricas, marcariam para sempre a jornada de Francesco, embora ainda tivesse que passar por muitas lutas e desafios antes que a promessa de sua mãe Cecília se cumprisse. Uma semente do amor daquela mulher, então anônima, que vivera no sofrimento e morrera bruscamente, seria como a da mostarda, crescendo a partir de uma base frondosa, para a edificação do Evangelho do Cristo.